

não é apresentada nenhuma avaliação dos benefícios sociais, se excluirmos aquilo que se aponta como vantagens do uso dos aparelhos telefónicos nas acções de propaganda das companhias. O que destacamos aqui é a falta de explicitação de resposta a uma questão que é colocada no primeiro plano das preocupações do livro.

Por último, no que respeita a comentários, não percebemos muito bem a que é que o autor se refere quando nas primeira página da sua *conclusão* (p. 167) apelida o que fez de trabalho *sociológico*, sendo que não pomos em causa o outro apelido que usa: *histórico*. Finalizamos com um apelo a outros trabalhos no campo da história das telecomunicações (ou mesmo das comunicações), que se encontra ainda muito por explorar, por exemplo, no que respeita às suas vertentes sociais e políticas.

BRUNO CORDOVIL

*João de Pina-Cabral e António Pedroso de Lima, Elites Choice, Leadership and Succession*, Oxford, Nova Iorque, Berg Publishers, 2000.

Deixei a antropologia social há um quarto de século, depois de ter vivido com ela durante doze anos, e tinha-me esquecido da «seca» que pode ser. De mais para bisbilhotice e de menos para ciência, abre frestas nas

portadas das casas dos outros e convidá-nos a espreitar — mas entre as vidas lá dentro e o nosso olhar curioso desce às vezes um véu espesso de jargão profissional que ofende bom senso e bom gosto. Desse pecado este volume nem sempre está isento. Por exemplo: «De facto, o impulso dinástico, vivido como teatro na família, deve agradar a anseios mais vastos entre os americanos, sendo também um ornamento e um trunfo para operadores dentro das grandes instituições económicas e políticas que definiram as limitações de lei e de regulamento pelas quais famílias dinásticas podem até persistir em sociedades capitalistas modernas» (*Elites*, p. 10, tradução minha).

A corporação, porém, é mais tolerante do que a voz do povo: os antropólogos sociais dirigem-se primeiro que tudo uns aos outros e por isso habituaram-se a sofrer entre si maneiras de escrever pretensiosas. É duplamente pena — por ser assim e por ser escusado que assim fosse. Tal como a história, a antropologia social não é uma ciência, é uma arte; os assuntos de que trata e os métodos que usa não estão fora do alcance de uma cabeça geralmente culta; quanto melhor o autor escrever — e escrever bem é escrever com simplicidade —, melhor será a compreensão do leitor; se este deixar o livro a meio, não será por falta de preparação, mas por falta de paciência. E o antropólogo precisa de leitores leigos para que a sua arte não fique reduzida à conversa cifrada de uma seita — em lugar de poder ser, como nos grandes

exemplos da profissão, um instrumento de descoberta e entendimento da largueza do reino de Deus.

*Elites* junta estudos das ilhas Fiji, do Gana, do Texas, das margens do lago de Como, da fidalguia portuguesa dos séculos XVI a XIX, dos macaenses de origem portuguesa, de burguesias portuguesas contemporâneas rural e urbana e dos ingleses do vinho do Porto. Apesar das disparidades geográficas, culturais, étnicas e históricas, porém, toda esta gente acaba por se comportar de maneiras parecidas quando se trata de assegurar para o grupo a que pertença a continuação de uma posição de preeminência no lugar onde viva. Tal implica misturar, se possível sábia e oportunamente, regras ancestrais determinantes de quem deva herdar autoridade, propriedade e honrarias, com preferência pelos herdeiros potenciais mais dotados da geração seguinte. Em termos gerais, implica também adaptação às mudanças do mundo: na indústria de seda do lago de Como as mulheres ganharam nos últimos decénios posições de chefia que não teriam alcançado no passado, o que acompanha uma tendência da Itália do Norte; os macaenses que no tempo da administração portuguesa desdenhavam a língua chinesa esmeram-se agora a aprendê-la. Quando dois sistemas jurídicos entram em jogo — em colónias ou ex-colónias, o sistema tradicional e o sistema do administrador europeu —, cada um dos interessados procura manipulá-los, conjugando-os da maneira que melhor lhe convenha. Nada há nisto tudo que tivesse espantado Lampedusa, príncipe

siciliano casado com uma condessa alemã dos Bálticos, que escreveu o *Gatopardo*, onde tudo devia mudar para que tudo ficasse na mesma — e escreveu também que preferia o *snob* ao invejoso, duas atitudes correntes entre os que lidam com elites sem fazerem parte delas.

Os antropólogos são especialistas dos costumes, dos valores e das crenças de pequenos grupos de pessoas, que estudam por convívio directo na sua vida de todos os dias. Esses grupos foram primeiro tribos primitivas, sem escrita e sem cultura material desenvolvida, arredadas das grandes culturas e das grandes religiões. Depois vieram os camponeses da periferia das civilizações contemporâneas. Depois, pequenas cidades destas e bairros de grandes cidades. O estudioso era doutor e branco; os estudados, pobres e quase sempre escuros. Mais tarde apareceram, aqui e além, estudantes das suas próprias sociedades (julgo que Jomo Kenyatta tenha sido o primeiro) e a clareza da divisão acima começou a esbater-se. Agora até se estudam elites e um dos autores do volume interroga--se sobre se tal afecta a abordagem do estudioso, mormente quando este, ou esta, estiver a investigar gente da sua terra. Por mim julgo que não, ou melhor, julgo que, se o antropólogo for competente, a sua relação pessoal com a gente que estuda não imporá distorções ao resultado do seu trabalho. Tais relações foram sempre muito variadas — não pode falar-se de uma maneira com elites e de outra com o resto da gente (para além da dificuldade de identificar elites. Os macaenses, por exemplo, são uma

elite porquê? E os aristocratas que ainda têm casas de Verão em Bellagio ou Cemobio ficam abaixo ou acima dos industriais de seda?). Mesmo nos casos clássicos houve grandes diferenças. Malinowski, internado por ser cidadão alemão durante a primeira grande guerra, viveu quatro anos com os ilhéus de Trobriand quase como se fosse um deles. Franz Boas, no fim da vida, alerta de cabeça, mas achacado de mais para continuar a visitar reservas, fazia vir um pele-vermelha (salvo erro, um navajo) que instalava por temporadas na sua casa de Nova Iorque. Não há regras universais de trabalho de campo.

O que há, sim, nas monografias antropológicas — e, quanto mais bem escritas forem, melhor — é uma capacidade de tornar as coisas estranhamente familiares ou familiarmente estranhas (*uncanny*, proporia eu em inglês) que redime a «seca» que, à primeira vista, se perfilava diante de nós. Assim é sobretudo quando se trata de gente que conheçamos. De certa maneira, a diferença entre o que pensamos de um dado grupo nosso conhecido e o seu retrato num estudo antropológico é como a diferença entre a lata de *Coca-Cola* que a leitora esteja a beber e a lata de *Coca-Cola* pintada por Andy Warhol. A monografia do antropólogo e a pintura de Warhol têm ambas, além de intenções descritivas, ambições epistemológicas, mais irónicas na segunda do que na primeira. Um dos autores e o compilador falam também do *uncanny* (daí a palavra me ter vindo à mente), mas vêem-no na matéria de estudo, e não na maneira

de estudar essa matéria. A palavra é usada para caracterizar a sensação da relação, num membro da elite, entre a parte que é, por assim dizer, essencialmente sua e a parte de antepassados, de dinastia, que traz consigo. Aparentemente, nos Estados Unidos, sociedade nova que privilegia o sucesso individual, estes eflúvios do passado podem ser ressentidos e levar mesmo ao divã do psiquiatra. Em sociedades tradicionais, com elites antigas, como as da Europa, a mistura não é nociva — embora se preste, como tudo o resto neste domínio, a manipulações de conveniência. Este ano entre os candidatos a presidente da Câmara de Ajaccio havia um príncipe Charles Bonaparte, republicano e democrata, cujo pai, monárquico e integrista, preferia usar Napoleão em apelido. Descendem do original, mas o filho identifica-se com o revolucionário e o pai com o imperador. O seu caso não vem referido em *Elites*, mas vem a propósito.

Antropólogos e estudantes de antropologia devem ler este livro de fio a pavio. Amadores dedicados poderão fazer uma selecção, depois de darem uma vista de olhos à introdução e ao índice dos capítulos. Quem só tenha mesmo tempo para um ensaio vá por mim e escolha o que é dedicado aos ingleses do vinho do Porto: *Re-serving Succession in a British Enclave*, por Jean Lave, porque aprende e se diverte. O material é *rico*, a autora arguta e o resultado a coisa mais próxima de *Monty Python's Flying Circus* a ser encontrada na estante de ciências sociais de qualquer biblioteca.